

OS PATRONOS

JUVENAL GALENO

Falar de Juvenal Galeno é, de alguma sorte, falar do Brasil. A Pátria não é uma abstração: vive, palpita, alonga-se pelo tempo em manifestações de uma realidade na qual todos colaboram, inclusive os escritores — seria talvez melhor dizer principalmente os escritores. Assim, por exemplo, ainda hoje é possível afirmar que tôda a Inglaterra está em Dickens — está no senhor Pickwick, em Nicolao Nickleby, em David Copperfield e até na pequena Dorrit. Entre nós não são muitos os autores representativos do Brasil. A um José de Alencar e a um Gonçalves Dias, em cuja obra fulgura o esplendor da natureza bruta e do homem que nela encontraram os portugueses, poucos escritores e poetas correspondem na pintura e na exaltação das coisas brasileiras. Juvenal Galeno era um caso bem singular. Em tôda sua longa vida não cantou em verso senão a Pátria, aquela que êle conhecera, sentira e amara.

Cego ao fim da existência, *via* ainda com a alma os quadros de sua terra: o *vaqueiro*, cosendo-se sôbre o dorso do cavalo, em corrida pela mata ou pela caatinga; o *jangadeiro*, entestando as fúrias do mar, na embarcação sumária, em suas pescas, vela aberta a todos os ventos bravios, o nordeste afoito ou o *sulão* devastador; o lavrador sertanejo, arrancando pão da terra a despeito da terra, para êle ingrata e hostil; o “*tabaréu*” ou “*matuto*”, em sua compreensão simplista, quase in-

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

gênua, da vida, enfim, todo êsse mundo de poesia regada a luares impressionantes, e que só se interpreta quando no meio dêle permanece, como permaneceu Galeno, entre dunas, cajueiros e regatos pecos, sonhando com os trovões, portadores da chuva em zona árida.

Esta é, dir-se-á, a poesia do Ceará. É, entretanto, a poesia de tôda uma vasta região, desde a Bahia ao Pará. Região privilegiada, que despeja no tumulto da metrópole as mais vivas inteligências, tão assimiláveis que muitas vêzes perdem memórias de seu meio e se engastam na tradição dos meios diversos a que se adaptam.

O caso de Juvenal Galeno é de um homem que não perdeu, antes apurou, o sentimento nativo. Felizes aquêles que ficam sempre o que eram e que, na fidelidade do espírito aos rincões do nascimento, oferecem a forma e os motivos para sublimar a Pátria!

Por tudo isto, a poesia nacional — aquela que fala dos aspectos brasileiros — é sempre mais duradoura, porque exprime o que é nosso, não sendo de mais ninguém; e tanto é poesia ao Norte como ao Sul, quer descreva as ardências do sol comburente, quer rememore a suavidade dos ocasos do pampa, com o sol avermelhado a dourar em horizonte longínquo os pastos ricos onde os rebanhos, para descanso noturno, se ajoelham humanamente, como em prostração de prece.

Não devemos, porém, confundir a poesia nacional com uma certa febre maligna de africanismos que entraram a cultivar alguns autores imaginosos. É impossível separar dos fatores de nossa formação o concurso do negro africano, do qual muitas reminiscências constituem elemento literário. O que se dá agora é, porém, uma espécie de contrafação, com exagero, de ritos até ignorados, sem beleza nem características, e que, porventura transportados para a África, espantariam os próprios negros.

O Brasil possui melhor do que isto. Em cada uma de suas várias regiões, a nacionalidade, permanecendo fundamental-

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

mente a mesma, tomou feições peculiares. Surpreendamos essas feições em seus traços nobres e essenciais e teremos a poesia nacional.

Foi o que fêz Galeno, através de cuja obra a natureza e os costumes do Setentrião vibram, não só evocando o amor que êle dedicou à Pátria, mas também ensinando os brasileiros a admirá-la e amá-la.

COSTA RÊGO